

O algodão, o bicudo e as sementes da paixão: histórias de um mundo desmantelado¹

Gabriel Holliver (DAC–UFRJ / PPGAS/MN–UFRJ)

Resumo:

*Nesta comunicação, com base na experiência de antigos trabalhadores da plantation de algodão (*Gossypium hirsutum* L. Marie galante.) no semiárido paraibano, pretendo descrever como operava o referido sistema agrícola que até o início da década de 1980 vigorava como a principal atividade produtiva nesta região. Na medida em que se estabelecia, a monocultura desmantelava as relações sociais nativas então existentes, articulando paralelamente processos de dominação humana – por meio de diversos modos de violência difusa que terminavam por imobilizar a mão de obra – e exploração da natureza – com a devastação da vida social mais que humana do bioma. Movimento que culminou no que hoje se reconhece como zonas em avançado estado de desertificação. Contudo, este mundo também veio se desmantelar, quando a súbita aparição do bicudo (*Anthonomus grandis*), um inseto até então nunca visto nesta região, terminou por impossibilitar a continuidade do cultivo do chamado “ouro-branco” em larga escala. Apesar deste movimento de simplificação da paisagem (que ainda segue em curso após o fim das monoculturas de algodão), nos pequenos plantios de subsistência, onde se cultivam as chamadas “sementes da paixão”, verifica-se a existência de refúgios bioculturais. Prática esta que se manteve a despeito dos constrangimentos exercidos pela plantation e permanece no presente como uma espécie de manifestação plena da vida para alguns agricultores familiares. Argumento que neste vínculo, articulados em sintonia com o pulsar do ritmo das chuvas no ‘inverno’, humanos e vegetais, estabelecem por gerações, relações de cuidado em mútuo cultivo.*

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

[*work in progress*: estado da arte do manuscrito em 15/07/2024. Data limite para submissão de trabalho completo.]

Introdução

Nesta comunicação, a partir da experiência de antigos trabalhadores da *plantation* de algodão (*Gossypium hirsutum* L. *Marie galante*.) no semiárido paraibano, com quem realizo pesquisa desde 2015, pretendo destrinchar alguns aspectos deste sistema agrícola, que me parecem importantes para compreensão deste fenômeno. Durante mais de um século, o chamado ouro-branco estabeleceu um império por toda macro região ecológica do semiárido. Até o início da década de 1980, esta era a principal atividade agrícola e econômica deste território, arregimentando e submetendo homens, mulheres e crianças, na zona rural e urbana, bem como, a própria ‘natureza’ (ou vida, em seu sentido amplo) da caatinga, a serviço de sua produção. Como certa vez ouvi de Seu Inácio a respeito da paisagem naquele momento, “Nesse tempo, o mundo inteiro era coberto de branco”.

Meu título, “o algodão, o bicudo e as sementes da paixão”, pretende chamar atenção para três modos de vida que se manifestam na *plantation*. Se o algodão em algum momento representava a própria monocultura, regida pelo programa de determinação material da paisagem, imposto através da dominação e a violência contra a terra e os seres que a habitam; o bicudo, um pequeno inseto, reconhecido pela agronomia como “a praga mais importante [da cultura] do algodão” (Octavio Nakano, 1983), é alguém como diz a canção de Lead Belly, ‘encontrou um lar’ e conseguiu prosperar em meio a devastação provocada pela monocultura, sendo também um dos principais responsáveis por dismantelar a plantação de algodão no semiárido e alhures. Enquanto que, as chamadas ‘sementes da paixão’ expressam uma espécie de linha de fuga à dominação exercida pelos patrões. Milho, feijão macassar, melancia, jerimum, maxixe, entre outros ‘legumes’, continuamente semeados no tempo do inverno, constituem a base da alimentação cotidiana dos agricultores familiares. Culturas que subsistem no seio da *plantation*, ao mesmo, baseadas em outra modalidade de vínculo, isto é,

em relações de cuidado e mútuo cultivo, que mantém o brilho (Bird Rose 2024) e o pulsar da vida na caatinga².

Meu argumento articula três materiais distintos, a saber: 1) meu próprio trabalho de campo realizado junto a agricultores familiares e antigos trabalhadores/ moradores das plantations de algodão no Seridó paraibano, realizado pelo período de 12 meses intermitentes entre 2015 e 2022; 2) a literatura antropológica referente a *plantation* no contexto brasileiro³ e 3) a recente retomada da questão da *plantation* na teoria antropológica contemporânea por meio dos chamados estudos multiespécies.

A história que narro aponta para o confronto entre dois modos de habitar no semiárido brasileiro. É o registro de um capítulo da guerra travada ao longo do tempo no qual se opõem sistemas agrícolas tradicionais locais e sistemas agrícolas modernos desenvolvimentistas/ científicos. Ou, nos termos de Sylvia Wynter, entre a *plot* e a *plantation*. Se em parte, os acontecimentos aqui descritos são relativos a um território em espaço-tempo delimitado, ela se vincula também a um problema mais abrangente de ordem global, no contexto da intrusão de uma nova época geológica, onde no debate sobre a pluralização dos sentidos da catástrofe ecológica em curso caracterizada pelos cientistas inicialmente de Antropoceno (Crutzen & Stoermer, 2020), alguns antropólogos tem colocado a *plantation* no centro do problema, na medida em que se sugerem, entre outros mil nomes, o termo de Plantationceno (Haraway 2016, Haraway e Tsing 2019, Ferdinand 2022, entre outros), como a maneira mais adequada para descrever os atuais processos de morte em curso.

2 Como não cansam de lembrar os agricultores familiares do semiárido em seus encontros de trocas de experiências, acerca da vinculação simbiótica de suas vidas com “É no semiárido que a vida pulsa, é no semiárido que o povo resiste”.

3 Considerando o papel preponderante da região Nordeste na história da literatura sobre a *plantation* no Brasil, destaco dois momentos que explicitam a relevância da questão: 1) Casa Grande & Senzala (1933), obra que penso, pode ser considerado um primeiro marco, no sentido da produção de uma “auto-etnografia moderna” da *plantation* canavieira – o mesmo autor publicará posteriormente ‘Nordeste’ (1951), onde a cana-de-açúcar figura como protagonista (Holliver, 2021). Nesta tradição que poderíamos denominar de ‘pensamento social brasileiro’, a imagem da *plantation* é central para compreensão da nação. Desta perspectiva destacam-se também autores como Oliveira Viana, sobre a *plantation* no sudeste (1982), Djacir Meneses, sobre O outro Nordeste (1937), isto é, o semiárido, entre outros. Mais tarde, o projeto Emprego e mudança sócio econômica no Nordeste (1976), coordenado por Moacir Palmeira, munido por um paradigma teórico distinto, que já não mais ambicionava oferecer uma interpretação do Brasil, mas sim oferecer uma análise antropológica do sistema *plantation* no nordeste em sua complexidade, propiciou a emergência de uma série de etnografias que visavam constituir um caleidoscópio das diferentes modalidades de exploração e modulações de relações existentes naquele momento nas monoculturas do Nordeste.

Afinal, esta é uma história localizada em uma microrregião conhecida como Seridó paraibano, e no que se refere ao presente etnográfico por mim pesquisado, não conheci sequer uma pessoa que viveu este período e não esteve de algum modo, vinculada ao algodão. Mas este sistema de exploração de economia da natureza operava em uma escala mais ampla, ele enredou toda a população de uma determinada região ecológica - político administrativa, e arrisco dizer, uma região etnográfica. Mas esta, é também uma história do capitalismo, do comércio global de suprimentos que sustentam a grande modernidade, um fragmento desmantelado do que vem sido chamado de Plantationceno, não deixando de ser, também, exemplo de fracasso das tentativas do Homem de impor seu controle sobre o mundo (Tsing 2019).

O algodão no Seridó

No semiárido ocorre uma espécie de algodão conhecida por algodão “mocó” ou “seridó”⁴ (*Gossypium hirsutum L. Marie galante.*), de tipo arbóreo com ciclo vegetativo longo, pode permanecer por quase uma década em período produtivo, diferente da maioria de seus parentes das Américas, de tipo herbáceos, e de ciclo curto. Como me foi relatado por diferentes agricultores, essa espécie é cultivada há séculos na região, sendo inclusive parte dos sistemas agrícolas das etnias que no passado habitavam essas terras, e, em virtude de sua relação histórica com o ambiente do semiárido, desenvolveu uma relação de mutualismo com a ecologia local que lhe conferiu tolerância ao estresse hídrico, que torna a planta adaptada aos longos períodos de estiagem característicos do bioma.

4 O substantivo ‘seridó’ pode gerar equívocos, pois pode se referir a três coisas distintas, mas que de algum modo, se emaranham. Além de ser uma espécie de algodão, Seridó é também o nome dado a uma grande região interestadual do semiárido na qual habitam a maioria dos agricultores com quem realizado pesquisa, onde não por acaso é o local de ocorrência e onde era cultivado a espécie de algodão com o mesmo nome, além de ser justamente o nome dado ao maior núcleo de desertificação da Paraíba situado nesta macrorregião, a saber: Núcleo de Desertificação do Seridó, esse último tem como uma das principais causas do atual estado de baixa biodiversidade, o cultivo de algodão no passado, além do corte de lenha para cerâmica industrial e pecuária extensiva (COSTA et al., 2009)

A cotonicultura como atividade produtiva voltada para exportação teve início no semiárido a partir do final do século XIX. Com a guerra da secessão e o bloqueio da Inglaterra das importações dos estados confederados, abrem-se novos mercados de algodão no mundo. Neste mesmo período, o Brasil inicia o processo de industrialização nacional no qual, indústria têxtil ocupa um lugar de destaque (Beckert 2015: 344). Se a natureza da ecologia do semiárido foi uma fonte de resistência decisiva contra o processo de colonização que mobilizava a cana-de-açúcar como meio de extrair da terra recursos, em sua marcha para o oeste nordestino, o capitalismo se apropriou de uma espécie já cultivada pelas etnias autóctones da região, ao que tudo indica, parte dos sistemas agrícolas dos coletivos indígenas que habitavam esta região antes do trágico encontro colonial (Moreira et, al. 1989:7-8).

Dotado de uma fama de possuir fibras longas, que pode ser comparado ao famigerado algodão egípcio, o algodão do ‘sertão’ já foi reconhecido como o melhor algodão do Brasil, sendo o estado da Paraíba, o maior produtor de algodão no país até a década de 1930. Neste período, sua notoriedade era tanta que, Campina Grande, cidade para onde migrava o algodão produzido no interior, se tornou a segunda maior comerciante de algodão arbóreo do mundo, perdendo apenas para Liverpool (Morais 2010:18). Como lembra o escritor ‘sertanólogo’ Oswaldo Lamartine (1980, p. 54), “[...] a indústria – dizem os economistas – tem fome de fibras longas”. Como me narrou o agricultor Heleno Bento:

“O algodão é uma planta que era cultivada aqui na região do Seridó desde os índios, que era o algodão mocó que mais tarde passou a ser chamado de algodão arbóreo. Foi quando as empresas inglesas se interessaram pela sua lã, porque era resistente e de um branco muito intenso. Então veio se propagar o plantio em grandes escalas, porque elas ofereciam para os proprietários que eram mais abastecidos financeiramente produzirem.”

O sistema produtivo do algodão baseava-se no chamado regime de “meia”. De modo geral, o acordo estabelecido consistia na concessão de um pedaço de terra pelo patrão, com uma casa de morada, enquanto o morador se encarregava de preparar o solo, semear, e

posteriormente colher o algodão. Do total obtido com a safra, caberia a metade ao patrão, metade ao morador. Sendo todos os encargos relativos a produção de responsabilidade deste último. Ou seja, sempre que necessário contar com a ajuda de mais trabalhadores no serviço, o que era muito comum sobretudo no momento da colheita, os custos sobre a mão de obra recaíam exclusivamente sobre o elo mais ‘fraco’ da relação.

Quando chega o momento de contabilizar a safra, outros mecanismos de exploração eram acionados. Uma desconfiança sempre latente por parte dos moradores dizia respeito a possibilidade de adulteração da balança isto é, a não equivalência do peso real da pedra com o quanto o patrão afirma que ela pesa. Um agricultor me disse que aprendeu a fazer contas – e trata-se de um cabra bom em matemática – para não sair prejudicado nas negociações com algodão. No momento do peso, somam-se alguns ‘descontos’. É comum “as firmas ao receberem o produto ensacado descontam 1kg sobre o peso do mesmo, como sendo o equivalente ao peso do saco.” [assim como, a prática de] “não computar no peso do produto as frações de quilo: se o volume pesa 59,60 k, por exemplo, o intermediário, descontado o saco, registra apenas 58 kg.” (Almeida e Esterici 1979: 128). Com efeito, pode-se afirmar que o peso da balança nunca favorecia o morador. Lembro ainda que para a maior parte das famílias, as ocupações na morada não eram suficientes para suprir as necessidades econômicas do núcleo familiar. O trabalho por diária em vários momentos do ciclo sazonal, bem como a atividade da colheita de algodão ‘por ganho’ em outras propriedades durante a safra, ocupava um papel importante na economia doméstica⁵.

No que se refere a morfologia da paisagem, me parece importante sublinhar alguns traços importantes da ecologia que Império do Algodão constituiu, melhor dizendo, desmantelou, no semiárido. O primeiro aspecto, diz respeito a existência do binômio gado – algodão. Uma vez que a principal cultura era o chamado ‘algodão mocó/ seridó’ (*Gossypium hirsutum* L. *Marie galante*), e na medida em que esta espécie arbórea permanecia por anos produtiva nos campos, o gado pastava em meio as plantações durante entressafra. Ao mesmo

⁵ O mutirão, sociotécnica amplamente difundida entre os agricultores familiares, baseada na troca de dias de serviço é o sistema de trabalho preferido. Existe a compreensão de que coletivamente, o trabalho rende mais. Ninguém trabalha sozinho, e mesmo quando se está sozinho, nunca se está totalmente sozinho. Certa vez, visitando a roça de um agricultor perguntava sobre seu sistema de trabalho, estávamos em um belo roçado de milho e feijão. Ao que me explicou: “aqui eu trabalho sozinho, quer dizer, sozinho não, eu e Deus.”

tempo que maximizava-se a utilização dos recursos, oferecendo aos animais o que não era devorado pela indústria, as criações também cooperavam com o trabalho humano, realizando a poda do algodão para favorecer a rebrota na próxima internada. Não terei tempo de me estender aqui, mas me parece importante assinalar a importância do gado como companhia e companheiro (Haraway 2022) na vida do agricultor sertanejo⁶.

Diferente também do modelo da *plantation* canvieira que vigorou no litoral do Nordeste, cujo o propósito é que de fato, apenas uma espécie vegetal solitária prospere na paisagem, desvinculada de suas outras relações, e onde a divisão de espaços entre espécies economicamente produtivas e os canteiros de subsistência é especialmente clara, isto é, onde os pequenos *plots* [lotes/ parcelas] encontram-se apartados da *plantation* (Wynter 1971). No semiárido, ao menos no primeiro momento da abertura de novos campos de plantio (procedimento que em tese acontecia a cada novo ‘inverno’), os moradores/trabalhadores do algodão semeavam suas roças de subsistência dentro da própria *plantation*, isto é, o milho, o feijão, o jerimum, a melancia e o maxixe eram plantados entre as chamadas ‘ruas’ de algodão. O agricultor Heleno Bento descreve com especial clareza o processo, eu o cito novamente:

“Na época do algodão a gente sempre plantava quando desmatava, aproveitava no primeiro ano e plantava milho e feijão consorciado com algodão. Só que a partir do segundo ano em diante, já não plantava mais o milho e o feijão junto com algodão; teria que ter outra área para plantar, porque o algodão cobria e não produzia mais. A gente sempre desenvolvia mais áreas aumentando o roçado por que a gente cultivava o algodão, mas precisava também das culturas de subsistência, o milho, feijão, jerimum, melancia, essas coisas”.

A possibilidade de convivência entre os dois sistemas não existia sem conflito, ao contrário, poder-se-ia dizer que a presença de outras culturas se fazia a despeito do desejo

⁶ “Quem tem gado, é escravo do gado”. Afirmação amplamente difundida entre criadores e vaqueiros que me parece importante para explicitar a cumplicidade deste vínculo. A recíproca é verdadeira, a canção, “A morte do vaqueiro”, de Luiz Gonzaga narra e evidencia o lamento do animal diante da morte do vaqueiro.

dos padrões, que na maior parte dos casos, também não se escusavam de cobrar a ‘meia’ destas culturas. O agrônomo Sebastião Passos (1977) quando esboça uma comparação entre a cotonicultura paulista e a atividade no nordeste identifica neste aspecto do sistema agrícola um empecilho a maximização de sua produção. Almeida e Esterci (1979) apontam para a contradição de interesses e a constante tensão entre o “parceiro, tendo em vista tirar da terra preparada o máximo de produção, e o proprietário tentando obter da terra e do trabalho do parceiro o máximo de proveito com relação ao produto que lhe interessa fundamentalmente. [...] Se] os parceiros procuram aproveitar os vazios existentes entre as covas dos produtos principais [...] a restrição quanto ao cultivo desses produtos se baseia na alegação do proprietário de que eles prejudicam o algodão.”(1979.108)

Estas culturas de subsistência plantadas nos pequenos espaços existentes entre pés de algodão hoje são conhecidas como “sementes da paixão” (Holliver 2023). No rastro da chuva, logo após a primeira invernada o agricultor, “planta primeiro o milho e o feijão, no mesmo dia. Depois de 10 dias, o milho já tendo nascido, planta o algodão” (Almeida e Esterci, 1979: 99). Nos arredores de casa também, muitas vezes contíguo ao terreiro, pequenos roçadinhos contribuía para ‘lucrar’ algum ‘legume’ e testar uma nova variedade existente (Garcia Jr. 1989; Woortmann & Woortmann, 1997). Nesses pequenos jardins dispersos, assim como nas frestas da monocultura, entre as carreiras de algodão, residia uma forma de resistência cotidiana (Scott 2002), onde vida se refugiava, aguardando, por assim dizer, uma ecologia (Guattari, 2012) favorável para prosperar.

Em paralelo ao processo de imobilização da mão de obra humana (Palmeira, 1977; Heredia, 1988) se deu uma imobilização da vida na caatinga em um sentido mais amplo, de modo que outros coletivos também sofreram os brutais efeitos da *plantation*. Para introdução da cotonicultura, era necessário devastar toda vegetação nativa, de modo que hoje o que se encontra é uma paisagem em completo ‘desmantelo’. A microrregião do Seridó, local onde se concentram a maior parte dos agricultores com quem aprendo, se confunde com o Núcleo de Desertificação do Seridó, a maior área de desertificação da Paraíba, cuja razão para o atual estado de baixa biodiversidade é justamente a *plantation* de algodão do passado, além do corte de lenha para cerâmica industrial e pecuária extensiva,

práticas que também baseadas na extração dos recursos naturais da terra, que ainda permanecem em atividade (Costa *et al.* 2009).

O bicudo dismantela o algodão, ou, o algodão invade o mundo do bicudo

Em 1983 precisamente, o bicudo chega ao Brasil. Em meio a controvérsias acerca de sua introdução, o único consenso entre os cientistas é de que o inseto chegou pelo céu, voando, trazido no interior de um avião. Dotado de forças avassaladoras, em poucos anos o bicudo se disseminou entre Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, decretando por completo o fim da então estrutura social que gravitava entorno das *plantations* de ouro-branco no nordeste brasileiro (Holliver 2019). Segundo os agrônomos José Miranda e Sandra Rodrigues, que se propuseram a contar a “História do Bicudo no Brasil”: “Não existiu até hoje, porém, praga de maior risco e habilidade para prejudicar a produção de fibras que o bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis*) [...]”, de modo que “[...] a história da cotonicultura no Brasil pode ser dividida em dois momentos: antes e depois da introdução do bicudo-do-algodoeiro em terras brasileiras, tal foi o impacto que esta espécie praga causou na atividade”. (Miranda; Rodrigues, 2015:10).

Para muitos agricultores familiares, contudo, como seu Inácio Garcia, o fim da exploração e da sujeição à qual estavam submetidos se deu graças à intrusão desse inseto, como ele me relatou no alpendre de sua casa:

“Veio um tal de um inseto chamado bicudo, que deu a liberdade a todo agricultor, o algodão caiu, ninguém quis nem mais de graça, foi ele quem tirou o pobre da escravidão. Ai pronto, acabou-se a escravidão, e foram atrás de remissão, atrás de outra forma, cortar uma lenha, trabalhar um dia aqui outro acolá, essa coisa. [...] Hoje todo mundo anda vestido, o bicudo acabou com tudo, e ninguém quer mais plantar, porque se plantar o bicudo come.”

Como hoje não há mais plantações de algodão por essa região, o bicudo já não mais pode ser observado na textura da paisagem, de modo que não tive a oportunidade de me deparar com o inseto em campo e observar tanto a relação com sua espécie hospedeira,

o algodão, quanto com os humanos. Porém, o mesmo Inácio me ofereceu uma detalhada descrição, tanto de sua morfologia quanto de seu comportamento em meio às plantações.

“O bicudo é um inseto pequeno, mas tem um bico na cabeça, um ferrão bem grande que ia e furava o casulo. Naquela furada ele chupava a água do casulo e já transmitia a ova dentro para tirar os filhotes. Aquele casulo já não abria mais, ficava duro, seco, quebrava, e quando quebrava estava cheio de bicudo dentro. Agora tinha que era demais, a EMBRAPA ainda bateu em cima, arrumou inseticida, mas não teve jeito não, ele venceu. Tirou o pobre da escravidão”.

A pouco, mencionei o fato de que a literatura especializada não consegue traçar com precisão o percurso que levou o bicudo do México, local onde ele foi registrado pela primeira vez entre 1831 e 1835 ao interior do semiárido paraibano, gostaria de me deter mais sobre este ponto e assim narrar um pouco da história do bicudo. Quase um século antes dele chegar ao Brasil, o mesmo inseto seria responsável por causar danos igualmente devastadores ao *cotton belt* escravocrata norte-americano, local de onde se especula como hipótese mais provável a origem de sua migração (LUKEFAHR; BARBOSA; BRAGA SOBRINHO, 1984). Na América do Sul, o bicudo foi encontrado pela primeira vez em 1949 na Venezuela e, posteriormente, em 1950, na Colômbia.

Nesse sentido, a história da relação do bicudo com o algodão é também um caso interessante de ser mencionado, pois a literatura indica que sua associação com a planta veio ocorrer apenas recentemente, há menos de 150 anos. Nos primeiros registros entomológicos do inseto, não é sequer mencionada sua espécie hospedeira, e uma vez que os europeus chegaram à América no século XVI, e os astecas naquele momento já produziam algodão em quantidade significava, é pouco provável também que ele habitasse essa planta e passasse despercebido tanto pelos nativos, especializados no cultivo do vegetal e na arte da tecelagem, quanto pelos colonizadores que tinham interesse comercial na espécie. No século XIX, quando há uma grande transferência de germoplasma entre o México e os Estados Unidos, já com a botânica e a entomologia em estágio avançado, também não se encontra qualquer menção à relação do bicudo com o algodão.

Essas histórias são contadas por Lukefar, Barbosa e Braga Sobrinho (1984), os autores sugerem que o bicudo passou a parasitar o algodão apenas no final do século XIX, quando, por ocasião da Guerra Civil Americana e do bloqueio de importações por parte da Inglaterra da produção dos confederados, o México expande suas plantações de algodão em virtude dos altos preços do mercado. Com isso, as monoculturas encontram o bicudo, que, até então, habitando apenas espécies do gênero *Hampea* e sem incidência significativa, tem contato com o *Gossypium* (gênero botânico ao qual pertence o algodão), encontrando nas *plantations* um verdadeiro banquete e um convite para sua reprodução ilimitada. Sem respeitar as fronteiras estabelecidas pelos Estados Nacionais, o bicudo segue as fibras e migra rumo ao norte para o chamado “cinturão do algodão”, localizado no Sul dos Estados Unidos, dismantando as monoculturas e causando significativos efeitos nas relações sociais locais, exercendo influência, por exemplo, no sistema educacional, fato que pode ser constatado a partir do aumento exponencial de matrículas nesse período (Backer; Blanchette; Eriksson, 2018) e na migração de populações negras para o norte, graças à liberação da mão de obra gerada pelo inseto (Higgs, 1976).

O que gostaria de sublinhar aqui, o detalhe interessante, é o fato de que, antes de praga, o bicudo é um sobrevivente. Um bloqueio internacional motivado pela permanência da escravidão no Sul dos Estados Unidos, leva seu vizinho México a se aproveitar da conjuntura econômica e reproduzir esse sistema de produção em larga escala em seu território (lembramos, neste mesmo momento o Brasil inicia sua produção extensiva de algodão, estimulado pelas mesmas razões). Então, ecologias nativas são devastadas para introdução da *plantation*, e, dentre toda redução da biodiversidade provocada pela monocultura que se expande, um inseto consegue se adaptar e sobreviver a esse ambiente estranho. Só que, de maneira surpreendente, ele encontra no algodão um nicho em condições mais favoráveis que as anteriores, que o permite desvincular-se de suas relações prévias, proliferando-se praticamente sozinho, sem espécies que pudessem competir ou predá-lo. A partir de então, migrando para outros ambientes, o bicudo coevoluiu com a planta de tal modo que se tornou capaz de habitar ecologias com características distintas daquelas nas quais tinha ocorrência. Agora companheiro, parasita e dependente, três das

quatro fases de sua vida (ovo, larva, pulpa, adulta) se dão efetivamente dentro das flores de algodão – algo que penso, talvez pudesse ser descrito nos termos de uma relação de amor interespecífico patológico? (Tsing 2015). E, apesar de sua capacidade de alimentar-se de outras espécies em contextos de escassez e situações de entressafra, sua reprodução se torna condicionada a partir de então pelo algodão, na medida em que só é capaz de se realizar em meio as suas fibras (Suji; Pires 2015:60-61).

Se o bicudo terminou por dismantelar as plantações de algodão, seria uma ingenuidade supor que, com o fim das *plantations* de ouro-branco, houvesse cessado por completo movimentos onde se conjugam dominação humana e exploração da natureza. Ao contrário, no semiárido, após o fim do ouro branco, outros movimentos de extração monetária da terra tão violentos e, até então menos expressivos, ganharam força. Refiro-me aqui à atividades como a cerâmica para fabricação de tijolos, a mineração de pedras de baixo valor econômico, como a calcita, a scheelita, a columbita, entre outras, além da mais recente instalação de *plantations* ciborgues. Se no passado, “o mundo inteiro era coberto de branco”, hoje desponta ao longe no topo das serras, torres eólicas do que promete vir a ser o maior parque eólico do Brasil (um empreendimento dessa magnitude se torna ponto turístico para os locais); nas planícies, se alastram os parques solares ainda em processo de instalação. Máquinas tomam conta do que antes era ocupado pelo algodão. De segunda à sexta-feira, pontualmente às 17 horas, a mais 10 km de distância ouve-se as explosões de dinamite, cuja finalidade é dismantelar as pedras que oferecem obstrução aos futuros campos solares, o terreno deve estar plano para sua introdução. As cisternas de captação d’água da chuva, tecnologia tão importante na convivência com semiárido, vão nesse processo aos poucos também se dismantelando, a contínua violência sob a camada profunda do solo, provoca pequenas rachaduras nas paredes. Com o passar do tempo, a água guardada com tanto cuidado para o período da seca vai se perdendo pelas fissuras.

Sementes da paixão: manter histórias em um mundo dismantelado

Gostaria de concluir com algumas notas sobre as chamadas ‘sementes da paixão’. Embora elas estejam presente no título, até o momento foram mencionadas nesta exposição apenas tangencialmente, assinalando o conflito de interesses entre o patrão e o morador, entre as culturas de produção e de subsistência. Mas como também aponte, há algo mais neste tipo de vínculo. Pois se é certo que ao longo de gerações, humanos cultivam determinadas variedades, transmitindo inclusive estas sementes por linhas de descendência, verificando-se portanto, a existência de refúgios bioculturais. Há certa reversibilidade nesse processo, na medida em que esses vegetais são os responsáveis por alimentar e manter os humanos os humanos vivos e dispostos no mundo.

Se em alguns momentos as plantas são mobilizadas como analogias, isto é, metáforas para pensar as relações sociais parentais entre humanos, “fulano tem irmão como rama”, em outros, elas são efetivamente contíguas, metonímicas às pessoas e às famílias. Em trabalho recente (Holliver 2023), tentei argumentar ainda de maneira incipiente como neste contexto etnográfico, as plantas tanto servem para pensar o parentesco, como também são elas parte constitutiva das famílias. Sugiro que trata-se, de biografias entrecruzadas (Tsing 2019:82), em que se estabelecem historicamente relações de cuidado entre seres que se cultivam em mutualidade.

É consenso o fato de que agricultor nenhum ‘enriquecesse’ plantando milho e feijão. Contudo, é curioso o fato de que ano após ano, pequenos agricultores familiares continuem a botar o seu roçado logo no rastro das primeiras chuvas, mesmo que a safra não seja suficiente boa e em muitos casos inclusive gerar prejuízo, “o cabra terminar gastando mais do que lucrando”. “Botar o roçado”, manter este tipo de relação simbiótica com esses vegetais, é uma espécie de manifestação plena da existência, o que me parece, efetivamente confere sentido a vida dessas pessoas. Esse vínculo, ou relação, me remete a ideia de “captura recíproca”, mobilizada por Deborah Bird Rose para refletir sobre relação dos aborígenes australianos com seus parentes dingos. Segundo a autora, trata-se de “um processo de encontro e transformação, não de absorção, em que diferentes maneiras de ser e de fazer encontram coisas interessantes para fazerem juntos” (2024:1). Concluo aqui com algumas palavras de Seu Heleno Bento a respeito deste processo:

“Nós, agricultores, entra ano, sai ano, estamos lá, insistindo. A gente planta, e se perder, planta de novo. Se for bom a gente plante, se for ruim a gente planta. Se choveu, a vontade da gente é plantar. O agricultor velho de verdade planta por prazer.”

Referência bibliográficas:

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; ESTERCI, Neide. Trabalho e subordinação no sertão cearense. *Revista de Ciências Sociais: RCS*, v. 10, n. 1, p. 95-130, 1979.

BAKER, Richard B.; BLANCHETTE, John; ERIKSSON, Katherine. Longrun Impacts of Agricultural Shocks on Educational Attainment: Evidence from the Boll Weevil. National Bureau of Economic Research, [S.l.], 2018.

BECKERT, Sven. *Empire of cotton: A global history*. Vintage, 2015.

CRUTZEN, Paul & STOERMER, Eugene.. O “Antropoceno” Trad. Mendes, J. *Anthropocenica. Revista De Estudos Do Antropoceno E Ecocrítica*, 1. 2020.

COSTA, T. C., de Oliveira, M. A., Accioly, L. J. D. O., & da Silva, F. H. (2009). Análise da degradação da caatinga no núcleo de desertificação do Seridó (RN/PB). *Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental* v.13, (Suplemento), p.961–974, Campina Grande, PB.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Ubu Editora, 2022.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 21. ed. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suely Rolnik. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*, ano 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

HARAWAY, Donna. TSING, Anna; Reflections on the Plantationocene: A conversation with Donna Haraway and Anna Tsing. *Edge Effects*, v. 18, 2019.

HEREDIA, Beatriz M Alásia de. (1988) [2008] O campesinato e a *plantation*. A história e os mecanismos de um processo de expropriação. In: NEVES, Delma Pessanha. *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil*. Fundação Editora UNESP (FEU): São Paulo.

HIGGS, Robert. The Boll Weevil, the Cotton Economy, and Black Migration 1910-1930. *Agricultural History*, [S.l.], v. 50, n. 2, p. 335-350, 1976.

HOLLIVER, Gabriel. Como amar uma planta: experiência, diversidade e relações multiespecíficas no semiárido paraibano. *Mana*, v. 29, p. e2023021, 2023.

HOLLIVER, Gabriel. Sobre modos de lidar com a terra: homogeneização, diferença e mistura. In: GOLDMAN, Marcio (Ed.). *Outras histórias: ensaios sobre a composição de mundos na América e na África*. 7Letras, 2021.

HOLLIVER, Gabriel. Pode o inseto “des-fazer” um mundo? O bicudo e a (contra) colonização da monocultura no Semiárido da Paraíba. *Revista Ilha*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 65-95, 2019.

HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. UBU editora, 2022.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*, ano 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

HARAWAY, Donna. TSING, Anna; Reflections on the Plantationocene: A conversation with Donna Haraway and Anna Tsing. *Edge Effects*, v. 18, 2019.

LAMARTINE, Oswaldo. *Sertões do Seridó*. Brasília, DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

LUKEFAHR, M. J.; BARBOSA, S.; BRAGA SOBRINHO, R. Aspectos históricos do bicudo do algodoeiro (*Anthonomus grandis* Baheman). Embrapa Algodão-Documentos (INFOTECA-E), 1984.

MENESES, Djacir. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. Rio de Janeiro, 1937.

MIRANDA, José Ednilson; RODRIGUES, Sandra Maria Morais. História do bicudo no Brasil. In: INSTITUTO MATO-GROSSENSE DO ALGODÃO (IMAmt). *O bicudo-do-algodoeiro (Anthonomus grandis Boh., 1843) nos cerrados brasileiros: Biologia e medidas*. Cuiabá, MT: Editor técnico: Jean Louis Belot, 2015.

MORAIS, Lenildo Dias de. *O Algodão Arbóreo no semiárido: o papel da pesquisa agropecuária pública no Vale do Piancó – estado da Paraíba*. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MOREIRA, J. et al. *Algodoeiro mocó: uma lavoura ameaçada de extinção*. 1989.

NAKANO, Octavio. Bicudo: a praga mais importante do algodão. *Agroquímica [S.l.]*, v. 21, p. 10-14, 1983.

Rose, Deborah Bird. *Shimmer: quando tudo que você ama está sendo destruído*. Tradução: MELLO, Priscilla. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 33, n. 1, p. e215488-e215488, 2024.

PASSOS, Sebastião. *Algodão*. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1977.

SCOTT, J. C. ., Menezes, M. A. de ., & Guerra, L. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes: Revista De Ciências Sociais E Econômicas*, 21(1), 10–31. 2002.

SUJII, Edison Ryoiti Ednilson; PIRES, Carmen S. S. Plantas hospedeiras do bicudo-do-algodoeiro. In: INSTITUTO MATO-GROSSENSE DO ALGODÃO (IMAmt). O bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis* Boh., 1843) nos cerrados brasileiros: Biologia e medidas. Cuiabá, MT: Editor técnico Jean Louis Belot, 2015.

TSING, Anna. A terra perseguida pelo Homem. In: Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas. 284. 2019 (p.203-222).

WYNTER, Sylvia. Novel and history, plot and plantation. **Savacou**, v. 5, n. 1, p. 95-102, 1971.

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN, Ellen. O trabalho da terra: a lógica simbólica da lavoura camponesa. Brasília, DF: Editora da UnB, 1997.